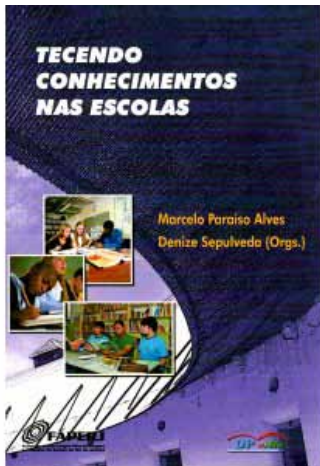


TECENDO CONHECIMENTOS NAS ESCOLAS

Rafael Marques Gonçalves*

ALVES, Marcelo Paraíso; SEPULVEDA, Denize. **Tecendo conhecimento nas escolas**. Petrópolis: DP ET Alii, 2012.



“Tecendo conhecimentos nas escolas” não é apenas o título do livro do qual pretendemos comentar, mas sim a potência de *escritasfalas* que trazem consigo alternativas emancipatórias tecidas em diferentes cotidianos escolares e não escolares *pensadasvivas* por um grupo de pesquisa

Organizado pelo Prof. Dr. Marcelo Paraíso Alves e pela Profa. Dra. Denize Sepulveda, e contando com financiamento do FAPERJ, o livro em questão aborda coletivamente, resultados de pesquisas diversas, apresentando *saberesfazer*s (re)inventados pelo grupo de pesquisa “Redes de Conhecimentos e Práticas Emancipatórias no Cotidiano Escolar” coordenado pela Profa. Dra. Inês Barbosa de Oliveira no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPED) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

As pesquisas narradas nesta obra trazem consigo marcas da pluralidade de existências (in)visíveis de práticas, falas, gestos, sons e imagens nos/dos/com os cotidianos escolares, o que contribui contra o desperdício da experiência, bem como ainda na formulação de significativas aprendizagens em redes.

No desenrolar das páginas do livro encontramos nas narrativas de seus autores a preocupação com o caráter emancipatório e a desinvisibilização de potencialidades que levam em conta a pluralidade dos conhecimentos tecidos nas/das relações que foram estabelecidas nos *espaçostempos* de encontros e conversas nas quais as pesquisas se desenvolveram. Encontramos, ainda, marcas daquilo que puderam ser ressignificados nas/das reuniões, onde falas e silêncios se pronunciaram carregados de resistências, posicionamentos e omissões.

Na obra encontramos duas formações discursivas, a primeira busca contribuir com a discussão teórica-epistemológica-metodológica que assume a pesquisa nos/dos/com os cotidianos, contribuindo com o campo e mostrando ainda alternativas para a pesquisa em educação. A segunda formação discursiva pauta-se em questionamentos que buscam trazer respostas momentâneas sobre como podemos aprender com os cotidianos e como os cotidianos repletos de respostas outras apontam estruturas flexíveis que se formam em redes de conversações e experiências com o sentido emancipatório.

No capítulo “*A dança na escola e as táticas de consumo: os diversos ‘modos de usar e fazer’ a gestão no/do cotidiano escolar*”, Marcelo Paraíso Alves traz consigo uma experiência de intervenção dos sujeitos na gestão de uma instituição de ensino pública do interior do estado do Rio de Janeiro, onde são discutidas como os sujeitos, através

* Pedagogo e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Professor da Rede Municipal de Ensino de Juiz de Fora, cedido para a equipe de Supervisão de Pesquisa e Linguagem na Educação do Departamento de Políticas de Formação da Secretaria de Educação de Juiz de Fora-MG. rafamg@ig.com.br.

de brechas nas relações de poder inerentes a sociedade, burlam prescrições e relações verticalizadas objetivando trazer à tona a participação e interferência nas práticas escolares.

Denize Sepulveda, por sua vez, nos aponta em seu texto *“A importância do mergulho nos/dos/com os cotidianos: em foco os espaços e a história da Escola Estadual de Ensino Fundamental República”*, a preocupação em desinvisibilizar alguns processos de exclusão e como ainda as práticas problematizam tais processos são tecidas no *espaçotempo* pesquisado podendo ser tornadas visíveis.

“Invenções cotidianas como o campo de tensões políticopráticas”, com autoria coletiva de Inês Barbosa de Oliveira e Regina Coeli Moura de Macedo, também corroboram com a importância da perspectiva de pesquisa que atravessa a obra ao trazer narrativas de experiências que possibilitam perceber as relações e tensões nas/das políticas de currículo e como as escolas se inserem com suas redes de conhecimentos nas/das negociações permanentes de sentidos, percebendo as práticas curriculares locais como *locus* de expressão democrática, tanto pelas suas formas de expressão, como também pela maneira como são modificadas.

Acreditando na possibilidade de apropriar, política e epistemologicamente, das transformações sociais desenvolvidas em escolas de difícil acesso no interior do estado do Rio de Janeiro que Patrícia Baroni apresenta em *“Quem te viu? Quem te vê? Táticas dos praticantes das/nas escolas de difícil acesso”* traz narrativas de práticas que evidenciam a potência de alguns modos de compreensão do cotidiano elencando pressupostos emancipatórios (re)descobertos na tessitura de conhecimentos em redes de sujeitos sociais e de *espaçotempos* antes (in)visíveis aos nossos sentidos.

Revalorizar as práticas desenvolvidas, bem como seus sentidos emancipatórios sob diferentes circunstâncias de desenvolvimento é o objetivo do

capítulo escrito por Lívia Almeida Silva e Suzana Martins Esteves, intitulado por *“Diálogos entre saberes a partir de narrativas dos alunos no cotidiano escolar”*, onde são apresentados saberes que as crianças expressam e os modos como estes dialogam com questões apresentadas pela escola.

Célia Regina Nonato da Silva Loureiro em *“A invenção do aluno encarnado no cotidiano escolar do Laboratório de Aprendizagem”* contribui para pensarmos em como valorizar práticas desenvolvidas com o cotidiano escolar através de sua compreensão das práticas pedagógicas ocorridas no Laboratório de Aprendizagem de uma das unidades do Colégio Pedro II com o qual a autora leva a emergência de ações que se recusam em invisibilizar experiências corporais cotidianas. Também situada em uma unidade da mesma instituição, Denise Rezende nos traz *“Notas sobre currículos e práticas em literatura: o atravessamento do ‘saber da experiência’ literária”* discutindo a contribuição da experiência literária para a tessitura de uma escola encharcada de sentidos outros e que se distancia da mera transmissão de conhecimentos.

Em *“Colcha de retalhos, tecendo diálogos entre formação e experiência no município de Queimados”* Graça Regina Franco da Silva Reis apresenta a costura das histórias de vida de professoras acerca da preocupação com o sentido da experiência em seus processos formativos, objetivando pesquisar como as práticas de um grupo de professoras e suas histórias de vida se apresentam como partes de um todo rico e complexo onde se ocorrem a formação profissional em contexto. Também seguindo os indícios de histórias de vidas e do valor da experiência a autora Virginia Ahumada em seu texto intitulado *“Mi Escuela, Mi Hogar: Mi Hogar, Mi Escuela”* nos presenteia com uma reflexão sobre sua história de vida e experiências escolares, trazendo à tona elementos que potencializam a narrativa autobiográfica e suas relações com os cotidianos que *vivemosentimos*

sendo estes percebidos como *espaçotempos* potentes de experiências emancipatórias.

Tomando a narrativa como elemento em potencial para vislumbrar e potencializar a tessitura do cotidiano escolar da Educação de Jovens e Adultos, Maria Clara Gama Cabral Coutinho, nos traz *“A leitura de mundo de Analice: uma leitura aquém e além das palavras”* que com seus fios coloridos narra a *costuravida* de Analice que exemplifica a associação entre pobreza e analfabetismo desinvisibilizando sua voz, por muito tempo silenciada, contribuindo para mostrar que nos cotidianos escolares as estáticas tabelas de avaliações e pesquisa sobre estatísticas de analfabetismos, que a tudo e todos padroniza sem levar em consideração a subjetividade.

Marina Campos e Beatriz Teixeira trazem elementos que contribuam *“Para uma articulação entre narrativas e experiências”* emergentes do cotidiano escolar onde aproximações e distanciamentos nos campos pesquisados mergulham nas narrativas de uma escola de Educação de Jovens e Adultos e outra instituição autárquica que mantém escolas destinadas à população de baixa renda em diversos municípios, objetivando a compreensão das formas pelas quais as professoras ressignificam saberes na/da produção de conhecimentos curriculares.

“Caminhando por entre corpos, gêneros e sexualidades” é a contribuição que Leonardo Ferreira Peixoto e Simone Gomes da Costa trazem quando apresentam parte de uma pesquisa que desenvolveram em uma escola de tempo integral da rede pública da cidade do Rio de Janeiro. A proposta foi compreender o papel que os corpos ocupam no currículo e no cotidiano escolar a partir da apresentação de experiências vividas por crianças e a maneira como estas percebem seus corpos.

Ana Maria Ribeiro de Seabra e Glaucia Soares Bastos apresentam um conjunto de ações realizadas

a partir de uma pesquisa sobre o uso dos ambientes virtuais refletindo sobre as mesmas e práticas agressivas e violentas entre estudantes. Assim, a *“Convivência ética no ciberespaço: ideias e propostas para prevenção e redução da violência entre estudantes”* nos permite perceber a necessidade de potencializar os *espaçotempos* virtuais como elementos onde possa prevalecer o respeito às nossas diferenças.

Por último, Fabio de Barros Pereira trabalha em seu texto narrativas sobre experiências de democracia em uma escola pública onde na condição de *professorpesquisador* optou por através de um conto, trazer à tona experiências democratizantes vivenciadas pelos professores e como estas se constituem em elementos capazes de enfrentar as mazelas dos aspectos da cultura política das escolas, do autoritarismo e da corrupção.

Após discorrer sobre os capítulos da obra e neles perceber as potências de uma rede de conhecimentos que problematizam o cotidiano escolar, é possível apontar e defender que nas narrativas que a compõe encontramos uma significativa contribuição para ressignificarmos nossos cotidianos escolares a partir da partilha de saberes descritas pelos diferentes autores.

Como ler a obra? Por onde começar? Indicamos que ao abrir o livro e passear pelo seu sumário seja priorizada a leitura dos capítulos que saltar primeiramente aos seus olhos, como fizemos ao realizar a leitura, com a qual percebemos a não linearidade das narrativas, bem como ainda das marcas e noções epistêmicas desenvolvidas deixando-se entrecruzar pelos fios, histórias e diversos contextos que abrem possibilidades outras de *viverpensarsentir* o mundo.

No que se refere a questão da tessitura de conhecimentos em redes o livro nos toca e emociona na maneira com a qual seus quatorze capítulos, tecidos por diferentes autores, mostram o comprometimento dos envolvidos em (re)conhecer os sujeitos praticantes

do ordinário (CERTEAU, 1994) como produtores de conhecimentos, desinvisibilizando práticas e conhecimentos discriminadamente subalternizados por uma ótica moderna de se fazer pesquisa em educação.

Assim, partindo do pressuposto de que estão nos cotidianos escolares formas outras de estar, pensar, viver e sentir o mundo que a coletânea de textos contribuem para a consolidação de uma perspectiva teórica-política-epistemológica de pesquisa em educação, isto é, a pesquisa no/do/com os cotidianos escolares, com a qual um número expressivo de pesquisadores têm se filiado na tentativa de fazer com que as inúmeras possibilidades da vida cotidiana ofereçam aos seus praticantes alternativas que vão na contramão de propostas prescritivas, sobretudo curriculares, para dar lugar a emergência das redes de conhecimentos e práticas fundadas no (re)conhecimento mútuo face ao enredamento de *fazeressaberes* e *saberesfazeres* diversos.

Recebido em 03 de junho de 2013.

Aprovado em 10 de junho de 2013.